

# O 'NÚMERO EXTRAORDINÁRIO' DA REVISTA BRASIL-PORTUGAL E O 4.º CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL

*THE 'EXTRAORDINARY ISSUE' OF THE BRASIL-PORTUGAL MAGAZINE AND THE 4TH CENTENARY OF THE  
DISCOVERY OF BRAZIL*

Júlio Silva 

Universidade Nova de Lisboa Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Centro de Humanidades (CHAM - NOVA FCSH)

[juliorodsilva@gmail.com](mailto:juliorodsilva@gmail.com)

**Conflito de interesses:** nada a declarar. **Financiamento:** nada a declarar.

Histórico:

**Submissão | Received:** 07/11/2021

**Aprovação | Accepted:** 02/12/2021

**Publicação | Published:** 18/12/2022

## RESUMO

---

A Revista Brasil-Portugal (1889-1914) foi um periódico luso-brasileiro pertencente à *Belle Époque* das revistas ilustradas na viragem do século XIX europeu, dirigido às elites políticas e sociais do Brasil e de Portugal. Desenvolveu um projeto muito específico de construção de uma comunidade cultural luso-brasileira, através da divulgação nas suas páginas de inúmeros textos literários e gravuras de poetas, escritores e artistas portugueses e brasileiros. No entanto, também foi responsável pela edição de outras publicações como álbuns, almanaques e um número extraordinário em 1900. Este ano, em comemoração dos 400 anos da descoberta do Brasil por Pedro Álvares Cabral, o Brasil desenvolveu inúmeras iniciativas para comemorar este momento fundador da história nacional. Neste estudo, analisamos a natureza desta publicação e as características e conteúdos de sua edição que permitiram considerá-la pelo público e pela imprensa da época, tanto um livro, um álbum e um número especial da Revista Brasil-Portugal.

**Palavras-chave:** Comemoração, Descobrimentos, Revista, Livro, Álbum, História, Cultura

## ABSTRACT

---

Brasil-Portugal (1889-1914) is a Luso-Brazilian journal which belongs to the *Belle Époque* of the illustrated magazines at the turn of the 19th century in Europe, aimed at the political and social elites from Brazil and Portugal. It developed a very specific project to build a Luso-Brazilian cultural community through the dissemination of numerous literary texts and engravings by Portuguese and Brazilian poets, writers, and artists on their pages. However, it was also responsible for editing other publications, including albums, almanacs, and an extraordinary issue in 1900. This year, in commemoration of the 400th anniversary of the discovery of Brazil by Pedro Álvares Cabral, Brazil developed numerous initiatives to commemorate this founding moment of national history. In this study, we analyze the nature of this publication and the characteristics and contents of its editing that allowed it to be considered by the public and the press at the time, both a book, an album, and a special issue of the Brasil-Portugal magazine.

**Keywords:** Commemoration, Discoveries, Magazine, Book, Album, History, Culture

## A Revista Brasil-Portugal (1899-1914)

No universo das revistas ilustradas portuguesas, dos finais do século XIX e primórdios do século XX, a edição de publicações de diversos tipos (livros, álbuns, almanaques, números especiais) ocupava um papel particularmente importante nas estratégias das empresas jornalísticas. Assim sendo, torna-se relevante nesta viragem do século XIX, avaliar a forma específica que assume a relação destas revistas ilustradas com a edição do livro. O processo nem sempre é fácil de perceber e compreender se não tivermos em consideração a ambiguidade das designações atribuídas aos álbuns, livros e números extraordinários. Nesta perspetiva, optámos por analisar o caso específico do *Número Extraordinário* da revista *Brasil-Portugal* (1899-1914) para obtermos uma clarificação sobre a natureza deste tipo de publicações e da sua relação com o editor.

A Revista *Brasil-Portugal* é um periódico, pertencente à *Belle Époque* das revistas ilustradas na viragem do século XIX europeu, direccionado às elites políticas e sociais do Brasil e de Portugal (Pluet-Despatin, Leymarie & Mollier, 2002, pp.325-395). Em Portugal decorria o reinado de D. Carlos, marcado por um período de rotativismo parlamentar arbitrado pelo rei, que antecede a mudança radical da ação política do monarca no sentido de uma verdadeira revolução, vinda de cima do sistema até aí dominante (Ramos, 2007, pp.15-36). No Brasil é o tempo da estabilização da Primeira República (1889-1930) com a eleição dos presidentes civis: Prudente de Moraes e depois Campos Sales. É neste contexto histórico que a revista ilustrada *Brasil-Portugal* (1899-1914) inicia a publicação especialmente vocacionada para a defesa da aproximação entre os dois países, tendo os seus diretores

uma especial ligação ao Brasil. O comandante Augusto Vidal de Castilho Barreto e Noronha (1841-1912), pelo papel humanitário que tivera na revolta da marinha brasileira em 1893, na baía da Guanabara do Rio de Janeiro. Jaime Vítor (1855-?) e José Lorjó Tavares (1857-1939), jornalistas e correspondentes de jornais portugueses e brasileiros, tinham larga experiência de vida no Brasil. Aliás, o último dispunha de vastos contactos na imprensa brasileira, apoio das autoridades políticas e popularidade na comunidade portuguesa do país. Estes factos permitiram-lhe criar uma rede de correspondentes da revista e realizar uma campanha de propaganda nas viagens aí efetuadas, nos dois primeiros anos da sua publicação. (Castilho, Vítor & Tavares, 1899, p.1).

As vivências partilhadas, as relações estabelecidas nos círculos políticos e jornalísticos, o peso da rutura diplomática luso-brasileira de 1893-1894, explicam o projeto da nova publicação, revelando desde o primeiro número, o desejo da aproximação entre os dois países. Embora, sendo, o resultado de uma iniciativa privada não descuro, como era hábito na época, a associação com o poder político, através da referência ao rei de Portugal e ao presidente da República do Brasil. Tal proximidade ao poder, que não se pode confundir com qualquer tipo de seguidismo, resulta da preocupação com as relações entre os dois estados, sendo muito sensível à divulgação de imagens e figuras dos dois governantes. Seja como for, o seu objetivo imediato está claramente expresso no editorial de abertura do primeiro número da revista:

“A ideia é esta: tornar o Brasil conhecido em Portugal, tornar Portugal conhecido no Brasil, generalizando em cada um destes países a arte

e a literatura do outro, e tornando apreciados de ambos, os escritores e os artistas, que na mesma língua, rica, sonora e rítmica, dizem o que na pátria portuguesa e na pátria brasileira tem o sentimento de mais intenso e delicado e a ideia de mais profundo e brilhante. As paisagens, os monumentos, as personalidades, as fábricas, os aspetos de cidades e vilas, que forem aparecendo em todos os números, lembrarão ininterruptamente, respondendo a uma curiosidade, ou avivando uma afeição, o Brasil a Portugal e Portugal ao Brasil. Os nossos pintores de nome atravessarão estas páginas com a nota da arte que mais encanta, por ser a que os olhos de pronto assimilam, dando em flagrante o comentário ou a *charge*, e ilustrando versos e contos, romances ou crônicas. A fotografia irá buscar aos salões artísticos, aos aposentos de trabalhos dos homens ilustres, às casas sumptuosas, e aos *ateliers* dos artistas brasileiros, o que mais interesse o bom gosto e a estética. E essas descrições serão firmadas por quem, em matéria de ciência imobiliária e arqueologia artística tem um nome consagrado.” (Castilho, Vítor & Tavares, 1899, p.2).

O projeto de criação de uma comunidade cultural luso-brasileira, mesmo com um carácter elitista, não deixa, porém, de se cimentar em torno dos velhos valores comuns aos dois povos (sangue, sentimento e tradição) mas, dando especial atenção às atividades económicas dos dois países. Assim sendo, não será inesperado o interesse pelos grandes momentos comemorativos, capazes de irmanar e aproximar os dois povos. O IV Centenário do Descobrimento do Brasil, em 1900, foi sem dúvida um momento muito especial para o *Brasil-Portugal* pois, permitia realizar o processo de aproximação e fusão emocional, em torno de um momento considerado fundador do Brasil e no qual Portugal desempenhara um papel essencial, dando

origem, criando, ou simplesmente, lançando as raízes de uma nova pátria.

Neste processo se insere o *Brasil-Portugal* que se empenha de forma decisiva com diversas iniciativas que incluem a publicação, nas suas páginas, do romance histórico de Henrique Lopes de Mendonça, a “Terra de Santa Cruz”, do hino do centenário e o lançamento de um concurso literário e artístico subordinado ao tema dos Descobrimentos. Simultaneamente, a direção da revista, coloca fotografias alusivas ao tema no *Almanaque do Brasil-Portugal*, faz o relato da sessão oficial na Sociedade de Geografia, descreve a viagem e receção do cruzador D. Carlos e publica um número extraordinário para celebrar o evento. Além disso, participa nas festividades do Rio de Janeiro com a presença direta dos seus representantes enviados de Lisboa. Lorjô Tavares parte para S. Paulo e Rio de Janeiro com o encargo específico de representar a revista nas grandes festas do Centenário; o mesmo se passa com Álvaro Pinheiro Chagas, nos Estados do Sul do Brasil e António Brasão, nos Estados do Norte do Brasil. Porém, o momento principal foi a participação do carro alegórico da *Brasil-Portugal*, no cortejo cívico de 5 de maio no Rio de Janeiro com a presença de um dos seus diretores – José Lorjô Tavares. Aliás, a própria revista faz a descrição atestando a importância do momento que celebra a fraternidade dos dois povos e agradecendo ao público brasileiro a excelente receção da revista *Brasil-Portugal*. A qualidade do carro alegórico, produzido pelo engenheiro Morales de los Rios, auxiliado por diversos artistas conhecidos e estimados no Rio de Janeiro, é salientada. A importância, da valorização da qualidade artística do carro alegórico, reforça-se com o simbolismo dos elementos que o compõe e a aclamação popular nas ruas do Rio de Janeiro (Castilho, Vítor & Tavares, 1900, pp.150-151).

O sucesso do carro alegórico parece ter sido um êxito com impacto real na opinião pública do Brasil, dando a revista notícia deste facto junto da imprensa do Rio de Janeiro e através das transcrições elogiosas de dois jornais locais: O *Jornal do Comércio* e a *Gazeta de*

*Notícias*. A cobertura dos eventos é completada por um desenho de Alfredo Cândido sobre o Cortejo do Quarto Centenário de 5 de maio no Rio de Janeiro, onde aparece representado o carro alegórico da Brasil-Portugal (Cândido, 1900, pp. 148-149).

## O Número Extraordinário

O aspeto mais relevante da leitura dos acontecimentos, relacionados com as comemorações do Descobrimento do Brasil, é sem dúvida a publicação do *Número Extraordinário*, largamente anunciado e noticiado nas páginas da *Brasil-Portugal*. Com efeito, se o romance de Henrique Lopes de Mendonça “Terra de Santa Cruz” é já em si mesmo um esforço original para festejar literariamente o centenário do Descobrimento do Brasil, esta iniciativa marca, de forma especial, as comemorações, pretendendo ser uma síntese mais global em todas as áreas do conhecimento e da cultura, da proximidade e comunhão das duas nações nas festas do momento fundador do Brasil. Compreende-se a precocidade cronológica do anúncio do seu aparecimento nas páginas da *Brasil-Portugal* destinado a comemorar o grande feito do reinado de D. Manuel, agrupando artistas e escritores a quem mais deve a ideia, o sentimento, a língua portuguesa. Além disso, constitui um verdadeiro repositório histórico e documental, pela fotogravura e pela reprodução dos documentos e cartas geográficas ligados ao acontecimento. A importância do *Número Extraordinário* é tal, que a direção da revista resolve oferecê-lo como brinde aos subscritores da revista *Brasil-Portugal*, anunciando-se a sua publicação para fins de março em Portugal e últimos dias de Abril nas colónias portuguesas e no Brasil. Acentua-se a importância de incluir um acervo

histórico, beneficiando dos contributos da Torre do Tombo, da Biblioteca Nacional e da Sociedade de Geografia.

O anúncio da sua publicação, nos primeiros dias de abril, veio apenas confirmar a importância e urgência da edição deste volume, associado ao envio de representantes da *Brasil-Portugal* ao Brasil para assegurar a divulgação (Castilho, Vítor & Tavares, 1900, p. 44). A partida de José Lorjô Tavares para este país, em missão de propaganda da *Brasil-Portugal*, representando-o nas festas do centenário, permitiu revelar o papel dos representantes portugueses no Brasil na divulgação e distribuição do *Número Extraordinário*. O mesmo acontece no caso de outros jornalistas, como Álvaro Machado e António Brasão, enviados respetivamente, ao Sul e ao Norte do mesmo estado com idênticos objetivos. Assim, em princípios de abril de 1900 anuncia-se a saída e distribuição, com êxito, da publicação sob a forma de brinde aos assinantes, mas também a sua venda ao público em todas as livrarias e agências do Porto, Coimbra e Évora, ao preço módico de 1\$500 réis.

Os números subsequentes da Revista dão notícias que revelam o impacto positivo do *Número Extraordinário*, em Portugal e no Brasil, através das opiniões subsequentemente expressas na imprensa lusa e brasileira, transcrevendo extensos textos de análise e

elogios do *Número Extraordinário*. A primeira vez que noticia o *Número Extraordinário* designa-o de forma ambígua, como um *Número-livro*. A dupla dimensão artística e literária da comunhão civilizacional luso-brasileira é complementada por uma abordagem histórica e geográfica, fornecendo os elementos fundamentais de um momento fundador da História do Brasil e inesquecível da história dos Descobrimentos Portugueses. As características anunciadas de laço cultural entre os dois países e acervo histórico-geográfico do Descobrimento do Brasil em 1500, repete-se no texto de apresentação do *Número Extraordinário*, onde mais uma vez nos aparece definido como um livro (Castilho, Vítor & Tavares, 1900 b, p.1). A ambiguidade ou equivalência das denominações de livro, álbum ou número extraordinário, encontramos-la de forma diversa na imprensa portuguesa e brasileira. Assim sendo, a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro não tem qualquer problema em colocá-lo na categoria dos livros. Da mesma forma, pensam o *Jornal do Comércio* e o *Jornal do Brasil* do Rio de Janeiro. Todavia, boa parte da imprensa brasileira e portuguesa tem uma perspectiva diferente da questão, pois prefere designá-lo por álbum nos seus variados elogios. A *Academia* de Évora na sua apreciação define-o como um álbum. Esta perspectiva é também partilhada pela *Imprensa* do Rio de Janeiro. O mesmo acontece com o jornal *A Província do Pará*, do Belém do Pará. A *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro nomeia-o como livro ou álbum.

Número-livro, livro, álbum, revista são diferentes designações do *Número Extraordinário*, basicamente equivalentes, referindo-se a uma publicação ilustrada de mais de cem páginas, com múltiplos artigos de opinião, mas igualmente arquivando textos de carácter científico e histórico, principalmente sobre o Brasil, usando o trunfo da documentação dos arquivos e bibliotecas

portuguesas. A compreensão do significado desta diversidade de vocábulos não pode ser entendida sem uma breve análise dos textos que o compõem, começando com a apresentação do *Número Extraordinário* assinado pelos três diretores da Brasil-Portugal:

“Associando-se à gloriosa comemoração do Descobrimento do Brasil cumpre esta empresa um dever que a sua missão lhe indicou e o seu patriotismo lhe impôs.

Arredou atritos, suplantou obstáculos, não poupou sacrifícios, mas por compensada se dá de ter visto a sua ideia perfilhada por tantos espíritos de eleição. Este livro singular não fica sendo apenas o repositório de um passado que nos enche de orgulho: é também a expressão gráfica da mentalidade atual e do alto sentimento da pátria que tem a mesma intensa vibração nos dois países que a mesma raça povoa.”. (Castilho, Vítor & Tavares, 1900 b, p1).

O conteúdo, expresso pelos autores deve centrar-se na existência nacional, no respeito pela tradição épica lusitana e pela confiança no futuro baseado na produção cultural de múltiplos escritores, artistas e cientistas. Todo este esforço se prende com os festejos do IV Centenário da Descoberta do Brasil por Álvares Cabral em 1500, exprimindo na língua de Camões, das duas nações a recordação, consoladora do passado e a vigorosa confiança no futuro. Sendo esta a contribuição essencial da *Brasil-Portugal* para a comemoração dos Descobrimentos, importa agora explicitar melhor a importância das colaborações obtidas e também as deficiências da publicação, motivadas pelos atrasos dos colaboradores e as distâncias que impossibilitaram muitas colaborações brasileiras importantes. Os agradecimentos aos colaboradores destacam, ao lado dos escritores e artistas, os prelados, referência aos três bispos que aceitaram participar com textos próprios no *Número*

*Extraordinário*. O mais importante, contudo, é agradecer o apoio do governo português, facultando a reprodução de mapas seculares, livros de iluminuras, e outros documentos históricos, existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, na Sociedade de Geografia e na Biblioteca Nacional, com especial referência aos diretores das duas últimas instituições. Os agradecimentos estendem-se igualmente às empresas que colaboram tecnicamente na publicação do livro, às gerências da Companhia Nacional Editora e do Atelier foto-químico-fotografia de Pires Martinho e aos orientadores da parte histórica do volume: Aires de Sá, general Brito Rebelo, e Gabriel Pereira. O objetivo final de todo este esforço consiste em realçar o momento de solidariedade entre os dois povos ou os dois países, uma aliança fraterna e interoceânica em nome da raça, da tradição da mesma pátria e nas glórias dos dois povos expressos na mesma língua.

Depois de uma referência à Comissão comemorativa do 4.º Centenário do Descobrimento do Brasil com numerosas fotografias dos seus membros, sucede-se a abordagem da temática do Descobrimento do Brasil que começa com a figura de Pedro Álvares Cabral, acompanhado da fotografia da estátua existente na Sociedade de Geografia de Lisboa da escultura de Simões de Almeida. Embora reconhecendo a inexistência de um retrato fiel de Pedro Álvares Cabral reproduz-se a imagem da estátua do descobridor, baseado na análise das ossadas da Igreja de Santarém e de informações obtidas em documentos históricos, permitindo construir desta maneira a figura do descobridor. O objeto físico da estátua do descobridor é completado pela reprodução de uma “quitação com a assinatura autógrafa de Pedro Álvares Cabral” marca física da sua presença real e da sua passagem neste mundo. Segue-se um longo texto de quatro páginas nas quais se descreve o Descobrimento do Brasil - autêntica lição ou

melhor análise das contingências históricas e geopolíticas de Portugal no reinado de D. Manuel I em confronto com os seus rivais políticos; as condições de navegabilidade e as explorações marítimas da época, da autoria de Henrique Lopes Mendonça e intitulado “O Descobrimento do Brasil” (Castilho, Vítor & Tavares, 1900 b, pp.3-6). Em seguida, num texto anónimo, emerge a materialidade da morte que, em nome da honra nacional e do passado glorioso, procurava manter a preservação do património nacional da Igreja da Graça de Santarém, onde estão guardadas as suas ossadas. Completa este quadro o testemunho de um descendente de Pedro Álvares Cabral e de Júlio Mardel Secretário do Conselho Superior dos Monumentos Nacionais.

O Descobrimento do Brasil traduz-se numa abordagem mais complexa e mais vasta, nas páginas do *Número Extraordinário*, dando lugar a um tratamento mais específico do acontecimento fundador, começando pelo relato do evento materializado na célebre carta de Pêro Vaz de Caminha de F. A. Pereira da Costa, membro do Instituto Histórico Brasileiro e, portanto, fornecendo uma imagem mais brasileira dos acontecimentos de 1500 e do texto fundador do Brasil. No mesmo sentido, segue o texto do ministro do Brasil em Portugal, José H. de Melo e Alvim sobre Pedro Álvares Cabral, aproveitando para fazer uma breve resenha histórica da evolução do Brasil até ao presente, salientando os enormes progressos feitos pelo país com a reforma social que constitui a abolição da escravidão. No mesmo sentido, vai o texto de Faustino da Fonseca, referente às viagens anteriores a Pedro Álvares Cabral reivindicando a primazia portuguesa do Descobrimento do Brasil sobre possíveis antecessores de origem espanhola”. O clero português através de alguns dos seus principais dignatários dá um contributo valioso para a temática dos descobrimentos

portugueses, valorizando o patriotismo nacional e a religiosidade cristã. Está nesse caso a contribuição do Arcebispo de Évora, com um texto intitulado simbolicamente “Duas Índias”, na qual interliga a descoberta do caminho marítimo para a Índia de Vasco da Gama com a epopeia de Pedro Álvares Cabral ao descobrir o Brasil. Com efeito, foca-se temporalmente no momento histórico áureo do Portugal dos finais do século XV e princípios do seguinte, sob a capa da providência divina e da onipotência de Deus, recusando a inevitabilidade da morte da pátria.

No mesmo sentido, mas com uma perspectiva algo diferente, se situa a colaboração do Bispo Conde de Coimbra num texto intitulado “A propósito do Centenário do Descobrimento do Brasil”, referindo não tanto a epopeia dos descobrimentos, mas o contributo da emigração para o Brasil no crescimento, desenvolvimento e regeneração económica das províncias do Norte do país. Todavia, é o artigo do Bispo do Porto que mais se concentra na temática dos descobrimentos, intitulando-se justamente “Pedro Álvares Cabral”, no qual se saúda o primado do descobrimento do Brasil por Cabral sobre possíveis rivais, homenageando o povo brasileiro pela estátua

erguida ao descobridor e relevando o cariz cristão da civilização brasileira. O conservador do Arquivo da Torre do Tombo, José Ramos Coelho, deixa também, sob a forma de um longo poema, intitulado a “Glória de Cabral” e através de desenvolvidas notas de rodapé de carácter científico, uma justificação da primazia de Pedro Álvares Cabral na Descoberta do Brasil, unindo a homenagem a Pedro Álvares Cabral ao centenário de um dos grandes poetas românticos lusos do século XIX, António Feliciano de Castilho. O seu autor, João de Freitas Branco estabelece a ponte entre os dois centenários demonstrando a relevância da Descoberta do Brasil e o nascimento do referido escritor.

Se a importância da Descoberta do Brasil não está em causa na aproximação dos dois povos, a língua é o grande instrumento de comunicação entre as duas nações e o penhor da irmandade luso-brasileira. Nesta perspectiva, insere-se a longa descrição da viagem de António Feliciano de Castilho ao Brasil e a descrição da receção e homenagens, de que foi alvo em 1855, comprovando através do prestígio individual de um escritor luso, a irmandade das letras dos escritores dos dois países.

## História e Memória

O Número Extraordinário dá um especial relevo às autoridades nacionais de cada país, reproduzindo as fotografias do monarca português e do presidente brasileiro, as respetivas residências e gabinetes de trabalho, dando um ar institucional à iniciativa da revista, mas traduzindo igualmente o esforço de aproximação entre os dois estados. Em consequência, aborda-se a história do poder político no Brasil de forma positiva, incluindo o

último monarca português, D. João VI e os dois imperadores do Brasil D. Pedro I e de D. Pedro II (Castilho, Vítor, Tavares, 1900b, p.15). Segue-se um artigo semelhante sobre os presidentes brasileiros, embora de forma ligeiramente diferente na maneira menos empenhada e mais neutra das descrições (Castilho, Vítor, Tavares, 1900, p.16). Importa, neste ponto, proceder a uma desmontagem

dos estereótipos de cada governante de forma a compreender o objetivo destas descrições.

A análise do passado recente da monarquia brasileira do século XIX, sintomaticamente denominado “os 67 anos da vida constitucional do Brasil” é iniciada com a dramática chegada de D. João VI e da Corte ao Brasil em 1808 e confrontado de imediato com duas guerras, a Norte na Caiena (Ex Guiana francesa) e a Sul no Uruguai. A situação difícil, então vivida, não impediu D. João VI de ter um papel relevante na construção do estado brasileiro, começando pela abertura dos portos do Brasil decretada na Baía no ano de 1808, declarando a guerra à França, complementada pela “invenção” de um novo império e preparando com o príncipe herdeiro, o nascimento de um novo país. A advertência ou convite a D. Pedro I para liderar a independência do Brasil é outro ponto favorável a D. João VI, materializado pelo filho e sucessor, protagonista do movimento de independência bem expresso no célebre grito revolucionário: Independência ou Morte. A abdicação de D. Pedro I é apresentada como o produto da sua vontade de auxiliar a causa liberal em Portugal embora, concedendo a existência de algum mal-estar no Brasil contra a sua pessoa. Entra-se de seguida, no longo reinado do neto, D. Pedro II, garantindo a estabilidade do novo regime, tendo sido marcado pelo desenvolvimento exuberante da riqueza do país e principalmente pela abolição da escravatura levada a cabo pela condessa de Eu.

A época da Primeira República (1889-1930), mais tarde chamada República Velha, é contemporânea das comemorações do Quarto Centenário, na qual ainda viviam os brasileiros. O ponto de partida é a revolução republicana de 15 de novembro de 1899, designada revolução militar, chefiada por Deodoro da Fonseca e seguida da referência aos presidentes Florêncio Peixoto, Prudêncio de Moraes e

Campos Sales. As dúvidas sobre as motivações na origem da revolução são sugeridas, dando-se a entender que poderia ter sido, apenas um golpe militar com o objetivo limitado de destruir o governo e não de provocar a queda do regime. A opção por uma solução mais radical é considerada, de certa forma fortuita, e resultante quer da fraca oposição encontrada quer da ideologia republicana. A explicitação na natureza novo sistema político é dada através da proclamação do governo provisório ao povo brasileiro, iniciada pela garantia das liberdades e direitos dos cidadãos e realizada em nome da soberania nacional. As garantias internacionais do governo provisório são uma marca sensível do discurso, ao lado da supressão das instituições da monarquia parlamentar, até aí existentes, nomeadamente o conselho de estado, o senado vitalício e a câmara dos deputados. A proclamação é um pretexto para nomear os componentes do novo governo provisório e, portanto, membros fundadores da jovem república. O passo seguinte da institucionalização do novo regime, passa necessariamente pela assembleia constituinte que entroniza a nova república em setembro de 1890. A forma aparentemente pacífica e consensual do estabelecimento do novo regime não foi seguida por um período de paz e sossego, mas de violentas convulsões que são desculpabilizadas pela natureza das revoluções, nomeadamente a revolta da Marinha de 1893 chefiada pelo contra-almirante Custódio José de Melo.

A verdadeira pacificação, porém, não surge da derrota militar dos sublevados, apesar do desenvolvimento do comércio brasileiro nos últimos anos, mas do facto dos presidentes militares terem dado lugar aos presidentes civis e do respeito do novo poder político pelos compromissos nacionais, contraídos pelo Império. A visão, mais ou menos idealizada, da Primeira República brasileira serve de pretexto para reivindicar o apaziguamento das paixões e

conflitos internos dos primeiros tempos do regime, valorizando o ambiente de unidade no qual se preparam os festejos do Quarto Centenário. A profunda comunhão e continuidade entre o descobridor, os monarcas e os presidentes do Brasil moderno, dão origem a uma república próspera e popular. A neutralização dos conflitos ideológicos e políticos, em nome da celebração do Descobrimento do Brasil, destina-se sem dúvida a desenvolver o processo de aproximação e integração entre Portugal e o Brasil, ultrapassando eventuais divergências políticas.

A presença político-institucional nas páginas do *Número Extraordinário* não se resume a esta *démarche* retrospectiva e histórica pois, segue-se uma descrição dos diplomatas brasileiros em Portugal e dos portugueses no Brasil, face visível dos representantes dos respetivos estados. O *Brasil-Portugal* começa pelos brasileiros, acompanhando as descrições com fotografias eloquentes, preocupando-se em salientar a boa convivência entre os representantes das duas nações, unidos por afinidades de sangue e de linguagem. Após o elogio dos brasileiros é feito o dos portugueses no Brasil, considerados todos exemplares no fortalecimento das relações entre os dois países.

## Arte e Literatura

A vertente cultural e artística é fortemente valorizada pelo *Número Extraordinário* que procura transmitir várias panorâmicas da arte e da literatura brasileiras. Destaca-se uma breve história do teatro brasileiro, da autoria de Artur de Azevedo, de contornos muito críticos e pessimistas pois, parte do princípio de que o presente teatro brasileiro é inexistente e vítima da falta de apoio e dos interesses dos diferentes governos. O autor deste artigo defende a existência no século XVIII, não do teatro brasileiro, mas, da arte dramática com o teatro da Nova Ópera do padre Ventura embora, tenha sido uma experiência que se extinguiu com o desaparecimento do mecenato do vice-rei Conde de Avintes. O insucesso desta primeira tentativa só foi ultrapassado com a transferência da Corte para o Brasil em 1808 e a chegada de D. João VI, cuja atividade em prol do teatro é elogiada, de forma entusiástica pelo autor lembrando, simultaneamente, a injustiça da forma desprezível como o povo brasileiro trata este

monarca. A dinâmica induzida por D. João VI sobrevive à independência do Brasil em 1822, graças à influência de D. Pedro I que se empenha fortemente a favor do teatro no Brasil. A tendência manteve-se fortemente na Regência e durante o Segundo Reinado, tendo existido um certo desenvolvimento teatral, nomeadamente do teatro francês. O autor considera que o período que decorre de 1853 a 1890 é a época áurea do teatro no Brasil. Os atores foram também considerados extraordinários dentro da evolução do teatro, na época referida, sendo lamentável a situação vivida presentemente no Rio de Janeiro, onde o teatro está decadente.

Contudo, o panorama pessimista de Arthur Azevedo na área teatral não tem correspondente no campo literário, considerado por Carlos Malheiro Dias extraordinariamente florescente. O autor intitula o artigo significativamente “a Geração Nova no Brasil” conceito com profundas

ressonâncias em Portugal e no Brasil. O escritor está preocupado em fornecer uma base teórica à concepção de geração, explicitando que “uma geração é um agrupamento de homens partilhando um sentimento ou trabalhando para realizar uma transformação radical no campo literário”. No caso de uma “geração nova”, a existência de uma mentalidade comum na política, na cultura, nos costumes e na literatura e também nos sucessivos ciclos literários, como em Portugal, com os ultrarromânticos, românticos e naturalistas. Segue-se a definição do que entende por Geração Nova no Brasil que, na sua perspectiva sucede à geração de 70, ainda ligada ao Império desaparecido e representada por cinco nomes: Olavo Bilac, Coelho Netto, Luiz Murat, Aluísio Azevedo, Pardal Millet. Carlos Malheiro Dias considera que esta nova geração terá cerca de vinte anos e é marcada pelo apostolado comtista, substituindo-se aos homens da época ultrarromântica. O essencial é a expressão da grande época revolucionária, que deu origem à República e da qual são os “tradutores” literários. Na opinião do escritor português trata-se de celebrar a sublevação social operada por uma plêiade de homens, no campo da crítica e na filosofia, intimamente ligados ao governo provisório e à imprensa, realizando uma verdadeira revolução das mentalidades, destacando-se neste processo Sílvio Romero, Tobias Barreto, José Veríssimo, Araripe Júnior e José do Patrocínio.

O autor passa à designação das influências externas nesta revolução literária e à sua caracterização específica, ou seja, o positivismo francês e a influência que reclama, mas não justifica, de Antero de Quental. Apressadamente rejeita a influência, dita germanista, de Tobias Barreto, aparentemente também vagamente sugerida por Sampaio Bruno, em nome de alguma influência inglesa, que implica a recusa do monismo alemão, parecendo-lhe que a predominância do

positivismo comtista expresso no lema Ordem e Progresso, é determinante graças à personalidade do ministro positivista brasileiro Benjamin Constant. A primeira figura a destacar é a de Machado de Assis que o autor considera marcado por influências da nova filosofia, mas principalmente pelas influências da Geração de 70 portuguesa, nomeadamente o pessimismo de Antero de Quental. Depois de Machado Assis aparece um grupo de autores que definem a nova geração e remetem para o passado os antigos escritores e intérpretes dessa nova era da revolução já iniciada no final do império. O destino trágico destes pioneiros da campanha da abolição e da proclamação da república no Brasil é todo um programa político e uma caracterização geral dos destinos dos diversos componentes. O contínuo esforço, o persistente trabalho que é a única fonte de subsistência, caracteriza de maneira exemplar o grupo e conseqüentemente os que prestigiaram a literatura nacional, rompendo a indiferença generalizada, conquistando o editor e o público, batendo a concorrência estrangeira e, assim, ganhando um lugar na crônica literária e no jornalismo. Através do seu trabalho, permitiram a vida do homem de letras na terra do negócio, conduzindo uma obra de nacionalização artística, com especial destaque para os poetas, sem correspondência em Portugal, a não ser com Guerra Junqueiro.

Segue-se uma nova geração que parece submergir na onda fecunda a geração heroica, mas que se perdeu numa degradação e confronto que a tornou estéril. Os que escaparam à decadência assumiram o estatuto de discípulos dos verdadeiros mestres. A influência do decadentismo francês e das correntes literárias portuguesas, nomeadamente Eugénio de Castro, não deixaram de marcar presença no universo literário brasileiro, no qual sobressaem os escritores Coelho Neto, Bilac e Aloísio. A primeira figura a ser abordada é a de Coelho

Neto autor dos Sertões, cujo elogio é feito por Carlos Malheiro Dias. A literatura brasileira só é compreensível se mergulharmos na profundidade do mundo rural, no Brasil profundo, abandonarmos o mundo cosmopolita das cidades brasileiras, ou seja, seguindo “os cenários magníficos onde se derramam os clarões da aurora do povo novo” apanágio de Coelho Neto e da nova geração. Assim, se entendem as referências às dinâmicas guerreiras do povo brasileiro rural, expressas nas revoltas armadas dos gaúchos do Rio Grande do Sul. Carlos Malheiro Dias contrasta positivamente esta turbulência guerreira com o marasmo português, comparando a fúria guerreira do gaúcho com a passividade dos camponeses portugueses, depois do ciclo dinâmico das descobertas e conquistas. Para reforçar as suas ideias sobre a questão Carlos Malheiro Dias recorre ao testemunho direto de um antigo combatente de 1893 das guerras federalistas do Rio Grande do Sul, sobre os aspetos dramáticos do conflito. Os maravilhosos cenários do Brasil, típicos e retratados nesta literatura, continuam noutros territórios como Santa Catarina ou Minas Gerais. O universo do maravilhoso ficcional brasileiro alimenta-se igualmente da história passada de Minas Gerais, remontando ao passado colonial e ao reinado de D. João V, com as jazidas de ouro e os assaltos de bandidos e saqueadores aos transportes de mineral aurífero, que se deslocavam para o Rio

de Janeiro. A floresta virgem é em si mesma outra realidade natural a considerar e valorizar literariamente pela geração nova. O povo caldeado pelas múltiplas individualidades populares das diversas regiões do Brasil, cria assim um conjunto de novos tipos marcados pela violência e a energia, como no barbarismo do Conselheiro ou no heroísmo lendário de Gumerindo. Esta realidade ninguém dera ainda a conhecer no Brasil. Foi Coelho Neto e a sua geração que o fizeram de forma tão excepcional. Carlos Malheiro Dias considera ainda a floresta e o interior do Brasil que contém a alma do povo brasileiro, longe da periferia marítima, cosmopolita e repleta de emigrantes. É, o centro do país, o mundo provincial, o ponto de partida da obra de nacionalização literária do Brasil e da integração dos imigrantes. Esta perspectiva recusa o decadentismo europeu em busca da alma panteísta da literatura brasileira, semelhante à procura na literatura universal de descoberta da alma eslava, defendendo a autenticidade literária brasileira. Deste ponto de vista, Coelho Neto e a sua geração, são exemplares nesta obra de resistência às novas modas decadentistas estrangeiras, que ameaçam tornar a criação literatura brasileira numa realidade incharacterística. A nova geração, finalmente, fixou a linguagem, tentando escrever o português de forma impecável, mantendo o legado da língua mãe.

## Etnografia e Mentalidades

A identidade brasileira é a questão sempre presente, no *Número Extraordinário*, remetendo para o estudo das mentalidades e das análises etnográficas. Nesta perspectiva, surgem as reflexões do brasileiro Valentim Magalhães sobre “o carácter brasileiro,

significando carácter” «o conjunto de qualidades morais», boas e más, como fisionomia da alma”. Procurando fornecer criticamente um quadro desta mentalidade, começa por focar de forma negativa a ausência de uma qualidade essencial ao progresso

material e moral dos povos - a ambição da independência econômica que considera fundamental ao sentimento patriótico. Seja como for, baseando-se em Paul Bourget define o carácter do povo brasileiro com partes fortes e partes fracas, marcado, devido ao seu primitivismo, por uma certa ingenuidade, bondade e franqueza. A vida doméstica brasileira é exemplar, nada devendo o lar do Brasil ao *home* inglês pela intensidade dos afetos entre os seus membros. O afeto excessivo pelos familiares é apontado como um defeito emocional que prejudica o povo brasileiro, mas seguindo Emile Faguet considera ser a fonte das suas qualidades enquanto indivíduos. A simplicidade e a ingenuidade são a mãe de todas as suas virtudes, nomeadamente a mais importante, o altruísmo. Não existe ainda um esfriamento social que o destrua, sendo inculcado pelas mães brasileiras aos filhos e parentes, no lar doméstico, proveniente da tradição e da herança da raça portuguesa.

A diferente escrita do português pelos brasileiros é especialmente defendida por Cândido de Figueiredo considerada mais adequada a palavra Brasil em vez de Brazil. Na verdade, o que parece ser uma questão menor do ponto de vista da filologia, não deixa de ser essencial para a definição da língua portuguesa. Deste ponto de vista Cândido de Figueiredo afirma a legitimidade de escrever Brasil em oposição à moda francesa de escrever com z. Cândido Figueiredo justifica a sua posição, baseando-se na origem

etimológica da palavra que remete para a palavra “brasa” ligada à designação primitiva da madeira das florestas brasileiras. Assim sendo, de “brasa” só pode vir Brasil e não Brazil encontrando-se paralelismos no castelhano, no francês, no italiano e na pronúncia de Trás-os-Montes e das Beiras.

Neste quadro mental do Brasil não deixa de ressaltar a figura da mulher brasileira, apresentada segundo uma perspectiva ou ângulo etnográfico, a partir da relação entre a mulher índia e o colonizador português. Esta é a visão de Alberto Pimentel num artigo justamente denominado “A Mulher Brasileira”, elogio da mulher em geral como elemento civilizador no mundo primitivo e bárbaro dos primórdios da colonização portuguesa do Brasil. Aliás, o autor não deixa de valorizar positivamente a da mulher indígena, afirmando que possuía o “instinto de civilização” apesar de estar brutalmente escravizada ao congêneres masculino. A fusão das raças através da relação amorosa entre a índia e o colono é uma fusão civilizacional em nome do amor recíproco, cimentando a civilização europeia no continente americano, a despeito da hostilidade dos índios. Alberto Pimentel segue a tese de Varnhagen sobre a fusão da nacionalidade portuguesa e *tupi* através da mulher, defendendo ser a mulher brasileira a defensora do esteio ou união dessas nacionalidades, mudando de nacionalidade, de pátria e de família de forma submissa, numa interpretação paternalista do seu destino histórico.

## As Duas Pátrias

Os testemunhos de múltiplos escritores e jornalistas portugueses sobre as relações luso-brasileiras estão presentes em todo o *Número Extraordinário*, permitindo-nos delinear alguns

dos aspetos mais importantes da visão dos contemporâneos, sobre a amizade entre os dois países. D. João de Castro fez o elogio de Pedro Álvares Cabral e do Descobrimento do

Brasil, estabelecendo um contraste entre o passado prestigioso do império português e a decadência presente de Portugal. O autor considera o início do esplendor do Brasil coincidente no tempo com o declínio de Portugal. O Brasil é a nação nova cheia de vigor que recupera o legado do velho Portugal, lançando-se em novos voos. O legado espiritual e histórico de Portugal perdurará na memória dos vindouros brasileiros nas epopeias dos avós portugueses, permitindo ao país voltar a viver, além-mar, através da civilização brasileira. A carta aos diretores do Brasil-Portugal do Visconde de Coruche não deixa de ir no mesmo sentido, glorificando a descoberta do Brasil como um acontecimento extraordinário da civilização moderna. Numa perspectiva providencialista, o escritor estabelece uma relação de continuidade entre a Santa Cruz do redentor, que representa Portugal e a Terra de Santa Cruz, ou seja, o Brasil é considerado um prolongamento cristão do primeiro. A comunidade linguística entre Portugal e o Brasil, traduz-se nesta comunhão de fé dos dois países expressa pela palavra Santa Cruz.

A opinião de Rangel de Lima Júnior centra-se noutro aspeto igualmente importante, a língua de Camões e os *Lusíadas*, unificando os dois povos, partilhando em comum o amor da terra-mãe e vivendo numa mesma “auréola perpétua”. Eduardo Burnay valoriza a relação privilegiada entre portugueses e brasileiros, resultante dos segundos derivarem dos primeiros, ou pelo menos existir uma continuidade entre os dois povos, resultante do Descobrimento em 1500 do Brasil por Pedro Álvares Cabral. O ensejo principal deste autor é glorificar os portugueses no processo de descobrimento, colonização e formação, salientando a relevância do seu contributo civilizacional. O autor opõe-se aos defensores da ideia de uma colonização por ingleses e alemães do Brasil ser melhor para o

desenvolvimento do país. Não é possível escapar aqui às origens portuguesas, pois são as responsáveis da dinâmica que produziu a opulenta nação e a florescente república brasileira. As celebrações de 1900 são um momento de unidade dos portugueses do Velho e Novo Mundo, tendo a identidade brasileira uma componente essencialmente portuguesa.

Brito Aranha tem também uma opinião clara sobre este relacionamento, colocando o Descobrimento do Brasil na linha de continuidade do Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia por Vasco da Gama, realçando a importância de Pedro Álvares Cabral. No entanto, o mais importante é acentuar a matriz portuguesa na descoberta e construção do Brasil, dando a entender que os portugueses permaneceram no Brasil, ou seja, que os brasileiros são de certo modo portugueses. Depois de descrever o Brasil como uma grande nação da América do Sul, capaz de rivalizar com a sua contraparte da América do Norte, salienta a presente interligação entre portugueses e brasileiros com famílias comuns a assegurarem a união entre os dois povos. Perspetiva semelhante é partilhada por Alfredo Gallis no artigo “Salve-Brasil”, começando com um elogio rasgado ao Brasil contemporâneo capaz de rivalizar com a América do Norte. A glorificação torna-se numa extrema valorização do dinamismo e força de uma nova nação face à decrépita velha Europa, numa leitura profética sobre o radioso futuro do Brasil. No entanto, em contraposição com o autor anterior, acentua a autonomia e a diferenciação do povo brasileiro face ao povo português.

As análises dos textos do *Número Extraordinário* revelam uma estrutura, mais próxima de um número especial da revista Brasil-Portugal, organizada em artigos soltos do que propriamente de um livro, com

capítulos separados e sucessivos. Contudo, a especificidade e aprofundamento das mais variadas temáticas no campo da cultura e da ciência, aproximam-no de um livro pela preocupação em integrar as problemáticas essenciais da história comum de Portugal e do Brasil. Assim sendo, podemos considerar que

se eleva ao nível do livro e ultrapassa em muito, o simples projeto de arquivar documentos característicos de um álbum. Nesta perspectiva, testemunha a vocação editorial da Revista Brasil-Portugal, interligando de forma original, a produção de um *Número Extraordinário* com a publicação de um livro.

# BIBLIOGRAFIA

- Castilho, A., Vítor, J. & Tavares, J. (1900). *Brasil-Portugal*. Companhia Nacional Editora.
- Castilho, A., Vítor, J., Tavares, J. (1900b). *Número Extraordinário*. Empresa Brasil-Portugal.
- Pluet-Despatin, J., Leymarie M. & Mollier, J. (2022). *La Belle époque des Revues (1880-1914)*. IMEC.
- Ramos, R. (2007). D. Carlos. *Temas e Debates*.